

METÁFORAS DA CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE A OBRA DE AUGUSTO DOS ANJOS

METAPHORS OF LITERARY CRITICISM ON THE WORK OF AUGUSTO DOS ANJOS

Stefani Daiana Kreutz¹
Valdir Prigol²

RESUMO: Neste artigo propõe-se discutir como a crítica literária lê. Para isso, realizou-se um exercício de leitura de metáforas. Objetiva-se identificar algumas metáforas produzidas em dois textos sobre o livro *Eu*, de Augusto dos Anjos, e compreender como produzem sentidos. Os textos analisados são “O artesanato em Augusto dos Anjos”, de Proença, e “Prefácio ao livro *Eu*”, de Backes. Neste trabalho, considera-se metáfora como deslocamento de sentidos, como uma transferência contextual. Esse entendimento fez chegar a duas ideias: poeta auditivo e ardente crueza; duas expressões falando por outras, fazendo emergir sentidos diversos no discurso sobre a poesia de Augusto dos Anjos. A partir disso, buscou-se identificar as condições de produção das metáforas, seus deslizamentos no texto, além da sua historicidade. Considera-se que esse gesto de interpretação da metáfora permite fazer uma leitura dos textos críticos, da obra literária, do autor e do leitor que fazem parte desse discurso.

Palavras-chave: Crítica Literária. Metáfora. Historicidade.

Introdução

Com o presente artigo, pretendemos discutir sobre como a crítica literária lê, como produz sentidos em torno de uma obra literária. Para isso, direcionamos nosso olhar para algumas metáforas de leitura elaboradas no âmbito da crítica, buscando compreender o seu funcionamento na produção de sentidos. Nosso ponto de partida é a obra de Augusto dos Anjos, poeta brasileiro que publicou um único livro, intitulado *Eu*, em 1912. Essa obra chama a atenção pelos temas e pela linguagem dos poemas, com um vocabulário que varia do simples ao rebuscado, bastante cientificista, para tratar de morte, para refletir sobre a decomposição humana.

Versos como “Almoça a podridão das drupas agras,/ Janta hidrópicos, rói vísceras magras / E dos defuntos novos incha a mão...”, do poema “O Deus-Verme”, de Augusto dos Anjos, nos mostram o quão surpreendente pode ser o fazer poético, uma

¹) Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: stefani.kreutz@uffs.edu.br.

² Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: valdirprigol@uffs.edu.br.

manifestação marcante do eu lírico, que, neste caso, descreve de maneira mórbida e ritmada o trabalho de um verme. A partir desses versos, podemos pensar sobre a complexidade da poesia, um campo vasto onde a imaginação, os sentimentos e a criatividade do poeta parecem não ter barreiras.

Essa capacidade de um escritor produzir poemas com tal combinação de ideias e de palavras causa estranhamento, admiração e até repugnância. É uma composição que chama a atenção, que é provocativa. Provocação esta que repercute muito na crítica literária, que produz interpretações e sentidos diversos acerca desse poeta inusitado. Podemos encontrar manifestações críticas desde a publicação do livro *Eu* até a contemporaneidade.

Os críticos escrevem, basicamente, sobre os poemas de Augusto dos Anjos, buscando razões para a sua linguagem e para seus temas, tecendo comparações com outros escritores, estudando as formas de seus poemas, dentre outras considerações. E, nesse trabalho de elaboração, os críticos literários, muitas vezes, produzem imagens, ou seja, metaforizam para expressar sua leitura da obra. É esse movimento de elaboração de metáforas que constitui nossa curiosidade, nossa intenção de estudo teórico, uma vez que metáforas provocam efeitos de sentidos diversos, assim como os próprios poemas de Augusto dos Anjos.

Nesse contexto, no presente artigo, temos como objetivos identificar algumas metáforas produzidas em dois textos críticos sobre o livro *Eu*, de Augusto dos Anjos, e compreender como essas metáforas produzem sentidos sobre a obra. Os dois textos que selecionamos como *corpus* de análise são “O artesanato em Augusto dos Anjos”, escrito por Manoel Cavalcanti Proença, e “Prefácio ao livro *Eu*”, de Marcelo Backes.

A partir desse material selecionado, buscamos analisar o funcionamento da metáfora vista como deslocamento de sentidos, como a tomada de uma palavra por outra (ORLANDI, 2013, p. 44), como uma perturbação, um efeito poético ou um enigma (PÊCHEUX, 2012, p. 160). A partir dessa concepção teórica, entendemos a metáfora como a construção que traz à textualidade um deslocamento contextual – uma curiosidade ou estranhamento no texto – que contribui de maneira fundamental na produção dos sentidos, levando as palavras para além da literalidade.

Consideramos que a metáfora mobiliza uma memória de leitura, isto é, a memória que emerge da leitura realizada pelo crítico. Esse entendimento constrói-se a partir de Link (2002), quando explica que ler é interpretar, é produzir uma relação entre o objeto e o sujeito. Por meio dessa noção, podemos compreender que na relação que se estabelece entre o sujeito e o texto há memória, há um já-dito que constitui esse sujeito na posição de crítico literário. E esse já-dito, por sua vez, contribuiu para a produção de sentidos, para a criação das imagens/metáforas. Ainda, a partir de Pêcheux (1997a) também podemos compreender que cada metáfora tem uma memória. Para esse autor, o efeito de sentido produzido pela metáfora está relacionado ao seu interdiscurso, ou seja, à memória discursiva que permeia o sujeito e o contexto de aparecimento da metáfora e do texto crítico.

Fundamentados nesses conceitos iniciais, nosso estudo desenvolveu-se após a leitura dos textos e a identificação de elementos que se diferenciavam do discurso logicamente estabilizado, curiosidades ou perturbações – após a identificação de metáforas. Deparamo-nos com duas ideias/imagens da crítica literária relacionadas ao livro *Eu*. Essas imagens são poeta auditivo, do texto de Manoel Cavalcanti Proença, e ardente crueza, do texto de Marcelo Backes. São duas expressões falando por outras, que trazem em si mais do que o sentido literal das palavras que as compõem, fazendo emergir sentidos diversos no discurso sobre a poesia de Augusto dos Anjos.

Depois de selecionados esses recortes, focos de nosso estudo, mobilizamos também as noções de condições de produção e de historicidade. Dessa forma, ao analisar as metáforas de Proença e de Backes, buscamos associar a elas a sua historicidade, ou seja, a memória discursiva que emerge desse discurso, bem como o seu contexto de aparecimento.

A partir do gesto de interpretação de metáforas que propomos neste artigo, consideramos ser possível realizar uma leitura, produzir sentidos, não somente sobre os textos críticos focalizados no estudo. Entendemos que a leitura das metáforas também permite produzir sentidos sobre a obra literária, sobre o sujeito autor e sobre o sujeito leitor que fazem parte desse discurso da crítica literária.

1 Augusto dos Anjos como poeta auditivo

Iniciamos nosso estudo por Manoel Cavalcanti Proença, que no texto “O artesanato em Augusto dos Anjos” analisa a obra de Augusto dos Anjos sob enfoque formal. Segundo ele, além da inspiração ou do sentimento, um poeta precisa de técnica e de habilidades para fazer poemas, o que denominou de artesanato. Proença explica que o fazer poético seria como instalar vidros coloridos, ao afirmar que: “o sentimento artístico, individual, seria o vidro colorido transformando a luz branca, sempre a mesma, que ilumina todos os homens. Mas a colocação desse filtro colorido, de modo a obter efeitos especiais de iluminação, representaria o artesanato” (1982, p. 242). Assim, para Proença, o poeta é o artesão que utiliza sua técnica para “colocar” as palavras nos lugares adequados, de forma a produzir efeitos de sentido diversos.

Com base nesse entendimento, o crítico se propõe a analisar o artesanato em Augusto dos Anjos, ou seja, realizar um estudo essencialmente focado nos aspectos formais. Ele busca, inicialmente, identificar a marca da poesia de Augusto dos Anjos e, nessa tentativa, apresenta a metáfora poeta auditivo, propondo que o principal elemento da sua obra é a musicalidade. A metáfora aparece no seguinte trecho:

Trecho 1: **Poeta auditivo**, muito auditivo, utilizou de modo virtuosíssimo as combinações vocálicas, as sucessões de consonâncias iguais ou homorgânicas, uniformes ou variadamente opostas em simetria. O ritmo é dos mais característicos [...] (PROENÇA, 1982, p. 243, grifo nosso).

Essa imagem remete a uma ideia de poeta que ouve ou que provoca audição nos seus leitores, produzindo um efeito de sentido relacionado a som. Na poesia, som tem a ver com musicalidade, ritmo. E é nessa direção que vai a abordagem crítica de Proença. Seu texto apresenta, dentre outros elementos formais, detalhada análise dos aspectos sonoros da poesia de Augusto dos Anjos, tais como, versificação, aliterações, rimas, entre outros.

Para melhor compreender essa questão de sonoridade na poesia, podemos nos basear no teórico da literatura Alfredo Bosi. Ele aponta que:

Não se pode, sem forçar argumentos, negar a intenção imitativa, quase gestual, dos nomes de ruídos, as onomatopéias, nem o caráter expressivo das interjeições, nem, ainda, o poder sinestésico de certas palavras que, pela sua qualidade

sonora, carregam efeitos de maciez ou estridência, de clareza ou negrume, de visgo ou sequidão (BOSI, 1977, p. 39).

Ele continua explicando que essa “expressividade impõe-se principalmente na leitura poética” (Idem, p. 39), e que, no fazer poético, os fonemas vibram de significação. “Figuras como a rima, a aliteração e a paranomásia não têm outro alvo senão *remotivar*, de modos diversos, o som de que é feito o signo” (Idem, p. 50, grifo do autor). Entendemos que são essas as concepções que mobilizamos no efeito de sentidos que produzimos em torno da metáfora apresentada por Proença.

Para nos situar em relação ao aparecimento dessa metáfora, podemos verificar as condições de produção do texto “O artesanato em Augusto dos Anjos”. Cabe apontar que a noção de condições de produção referida neste artigo baseia-se em Orlandi. Segundo ela, “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2013, p. 30).

Focalizando o contexto imediato, identificamos que Manoel Cavalcanti Proença escreveu o texto em tela para fins de participação em um concurso promovido pelo Jornal de Letras, no ano de 1955 (PROENÇA, 1982, p. 241). O próprio autor explica que se trata de um estudo inicial sobre os aspectos formais da obra de Augusto dos Anjos, estruturado de acordo com as normas do concurso, salientando a importância da continuidade das análises por ele iniciadas (Idem, p. 300).

O autor demonstra que sua atitude de estudar a forma da obra é inusitada e pouco comum. Segundo ele, “poucas vezes se tem realizado com os nossos poetas o trabalho humilde de estudar-lhes o aspecto formal dos versos” (Idem, p. 241). Isso nos permite depreender que, em torno da época da elaboração desse ensaio, a crítica focava em outros pontos, talvez o mérito dos temas ou, ainda, a vida dos poetas, deixando de lado a forma, e provocando o interesse de Proença em elaborar esse estudo aprofundado de caráter mais técnico. Este poderia ser considerado o contexto amplo do aparecimento do texto.

Observadas as condições de produção, voltamos nosso olhar para os deslizamentos. Entendemos que o efeito de sentido produzido pela metáfora poeta

auditivo desliza pelo fio do discurso, provocando uma transferência do contexto de algumas palavras, que trazem ao texto a ideia da sonoridade da poesia de Augusto dos Anjos. Quando nos referimos a deslize, temos como base a noção de efeito metafórico de Pêcheux. Segundo ele, “chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y” (PÊCHEUX, 1997, p. 96). Orlandi também afirma que “a deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala por outras” (2013, p. 53).

Nesse sentido, em nosso gesto de interpretação, podemos perceber alguns deslizamentos, algumas palavras falando por outras, nos seguintes trechos do texto de Proença:

Trecho 2: Em Augusto dos Anjos, porém, esse aproveitamento de átonas sucessivas, esparso em outros poetas, cristaliza-se numa constante individual, é **predileção auditiva**, um dos traços mais vivos do seu artesanato (PROENÇA, 1982, p. 244, grifo nosso).

Trecho 3: [...] chegamos à conclusão de que a preferência de Augusto dos Anjos pelo decassílabo [...] é um dos grandes segredos de sua **musicalidade** (PROENÇA, 1982, p. 245).

Assim, com as expressões poeta auditivo, predileção auditiva e musicalidade (destacadas nos Trechos 1, 2 e 3) identificamos uma sequência, um efeito metafórico, que desliza no fio do discurso, ratificando a ideia da sonoridade como marca da obra de Augusto dos Anjos. Há uma inter-relação de sentidos que nos remetem sempre ao pensamento inicial apresentado por Proença, ao propor a imagem de poeta auditivo.

Ao identificarmos esse efeito metafórico, podemos pensar nas redes de filiações de sentidos, na memória que esses deslizamentos fazem emergir. Com isso, mobilizamos a noção de historicidade que, entendida também como interdiscurso, segundo Orlandi, trata-se do “saber discursivo que foi-se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres” (2013, p. 33); é a memória do dizer. A mesma autora demonstra a relação próxima entre efeito metafórico e historicidade. Para ela, “o efeito metafórico, o deslize – próprio da ordem do simbólico – é lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade” (ORLANDI, 2013, p. 80).

Consideramos, então, que há um já-dito, um interdiscurso, que colabora com o efeito de sentido produzido no texto de Proença. A partir de nossa leitura, a memória do dizer pode ser identificada em Raimundo Magalhães Junior e Ivan Cavalcanti Proença. O primeiro autor aborda a vida e a obra de Augusto dos Anjos no livro *Poesia e vida de Augusto dos Anjos* e, quando se refere à publicação do *Eu*, faz referência à sonoridade dos poemas, conforme recorte expresso no seguinte trecho:

Trecho 4: [...] o leitor verifica que dentro daquelas páginas palpita um espírito original, que tanto verseja – e sempre com um **singular poder musical** – sobre temas exclusivamente bizarros [...] (MAGALHÃES JUNIOR, 1977, p. 259, grifo nosso).

O segundo autor que mencionamos, Ivan Cavalcanti Proença, produz estudos e notas ao livro *Antologia Poética de Augusto dos Anjos*. Na nota introdutória do livro, problematiza sobre a popularidade do poeta, sobre os elementos que teriam agradado o público ao longo dos anos após a publicação do *Eu*. Nessa reflexão ele aborda a musicalidade, conforme o recorte seguinte:

Trecho 5: [...] talvez boa parte de tal popularidade possa ser justificada a partir **da musicalidade, da sonoridade** de que se vale o poeta, ‘compensando’ o hermetismo e o cientificismo de seu vocabulário [...] combinações vocálicas virtuosas, sucessões consonantais simétricas, decassílabos com dois substantivos apenas, pluralizações, átonas sucessivas, mundo aliterante e o dos proparoxítonos, etc. (CAVALCANTI PROENÇA, 1996, p. 20, grifo nosso).

Com esses fragmentos, identificamos uma relação da obra de Augusto dos Anjos com a musicalidade, da mesma maneira como ocorre com a imagem apresentada por Proença. Magalhães Junior e Cavalcanti Proença fazem referência à linguagem utilizada pelo poeta, sobre seus temas e vocabulário excêntrico, ao mesmo tempo em que dão ênfase à sonoridade, ao poder dos sons que emergem dos poemas. Podemos entender como essa ideia perpassa a história e vai sendo atualizada, como continua a produzir sentidos, reforçando a relação proposta por Proença com a metáfora poeta auditivo. É o interdiscurso que afeta e contribui para os efeitos de sentidos que cada leitor produz em relação à discursividade.

2 A ardente crueza em Augusto dos Anjos

Um outro viés crítico é proporcionado por Marcelo Backes. Ele faz uma breve apresentação da obra de Augusto dos Anjos ao leitor, um prefácio a uma edição do livro *Eu*, publicado em 1999, pela Editora Mercado Aberto, de Porto Alegre/RS. Esse contexto imediato de elaboração do texto, resgatando a noção de condições de produção de Orlandi (2013), já demonstra uma diferença em relação ao texto anteriormente analisado (um longo ensaio, técnico, produzido para um concurso).

Inicialmente, Backes retoma manifestações da crítica a respeito do poeta e da obra. Traz para o prefácio, por exemplo, a crítica de Ferreira Gullar, que trata da poesia de Augusto dos Anjos como “corrosiva”, como algo que incorpora as “sujeiras da vida” à Literatura (BACKES, 1999). O autor também adianta ao leitor um pouco das sensações que podem ser provocadas com a leitura do *Eu*. Ele cita trechos de poemas e descreve brevemente as principais temáticas do livro de poemas, fazendo uma mescla entre versos do poeta e as suas próprias impressões, propondo um jogo de palavras e idéias, como podemos ver nos seguintes recortes:

“A podridão me serve de Evangelho...” pregava Augusto, e a decadência era onipresença em seus versos, na deterioração, no micróbio, no verme, no leproso e no escarro, símbolos de uma desesperança profunda, muitas vezes tetricamente biográfica [...]
E se fala pouco do amor é porque “O amor da humanidade é uma mentira.”, porque “O beijo, amigo, é a véspera do escarro” (BACKES, 1999).

Dessa maneira, nos baseando nas palavras de Genette (2009), que elabora um conceito de prefácio, podemos depreender que Backes constrói uma discursividade acerca da obra de Augusto dos Anjos, a qual segue depois do prefácio. E, como forma de consolidar essa aproximação antecipada do leitor com o texto literário, Backes propõe uma imagem. Ele refere-se ao *Eu* como ardente crueza, conforme o seguinte trecho:

Trecho 6: Augusto dos Anjos olhava para a morte – e para a vida –, não para as estrelas como Bilac. É aquela **ardente crueza** que em Machado era fria elegância. Nos dois, pessimismo, amargura, tédio e neurastenia metafísica, mas, sempre, vontade schopenhaurianamente desesperada de VIVER (BACKES, 1999, grifo nosso).

Antes de estudar mais diretamente a metáfora assinalada no trecho acima, entendemos ser pertinente pensar nas referências que o autor traz para o seu prefácio ao enunciar a metáfora. Neste breve recorte (Trecho 6), ele cita os escritores brasileiros Olavo Bilac e Machado de Assis e o filósofo e escritor alemão Arthur Schopenhauer. Podemos considerar que esses reconhecidos autores elevam o nome de Augusto dos Anjos, causando um efeito de grandeza e credibilidade à sua obra. Ao falar do livro *Eu* ao mesmo tempo em que traz à textualidade referências de renome, Backes chama a atenção para a leitura da obra prefaciada.

Depois desse olhar no entorno, focalizamos os efeitos de sentido que podem ser produzidos com a metáfora ardente *cruenza*. Ao associar duas palavras marcantes, o crítico nos permite pensar na própria obra como impactante. Primeiro, porque ardente produz um efeito de sentido de algo que queima, que é abrasivo, que machuca, ou, ainda, algo que produz brilho, que cintila (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009). Isso leva a pensar, tanto pela questão da queimadura quanto pelo brilho, em algo que deixa marcas; no caso, o livro *Eu*, que não passa pelo leitor de forma incólume. Depois, porque *cruenza* nos permite pensar em algo cru ou rude, grosseiro, em algo que é áspero (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009). Nesta visão, podemos depreender que seria uma obra marcada pela aspereza, sem eufemismos, em que o poeta demonstra sua visão de mundo com palavras fortes, marcantes, que chocam.

Com essa imagem do livro *Eu* como ardente *cruenza*, Backes enaltece impressões anteriores da crítica, que ele mesmo cita em seu prefácio, tais como Gullar e Merquior, e também compara Augusto dos Anjos com outros poetas, como Cruz e Souza e o alemão Gottfried Benn (BACKES, 1999). Ao pensarmos no contexto amplo das condições de produção (ORLANDI, 2013), podemos compreender que Marcelo Backes buscava retomar o já-dito, atualizando a visão acerca da obra de Augusto dos Anjos ao público leitor e, também, estabelecer novas ligações no fio do discurso. Ainda, consideramos que Backes buscou fazer uma breve e ampla apresentação do poeta e da obra, para contextualizar um leitor, talvez, novo, desconhecedor da obra. Isso porque foi um prefácio publicado no sul do país, capital do Rio Grande do Sul, direcionado a leitores que podem não ter acessado publicações anteriores, essencialmente, editadas em outras regiões do país.

Em continuidade ao nosso gesto de interpretação, podemos identificar um deslize, um efeito metafórico, que interliga as ideias de Backes e contribui para a produção de sentidos sobre a metáfora. Salientamos que “o processo de produção de sentidos está necessariamente sujeito ao deslize, havendo sempre um ‘outro’ possível que o constitui” (ORLANDI, 2013, p. 79). Buscamos então encontrar efeitos de evidência desse outro. Antes de mencionar que o livro *Eu* é uma ardente crueza, o autor cita alguns versos e os denomina como “imagens vigorosas e permanentes”, além de “sinais de eternidade literária”, conforme trecho seguinte:

Trecho 7: As **imagens vigorosas e permanentes** do ‘Morcego da consciência humana’, do ‘Urubu (que) pousou na minha sortel’, da ‘Vida - aquela grande aranha que anda tecendo a minha desventura!’ e do ‘verme - este operário das ruínas’ são - como toda a poesia de Augusto - **sinais de eternidade literária** (BACKES, 1999, grifo nosso).

As palavras permanente e eternidade levam a uma ideia de algo vivo, que fica presente, brilhando ou ardendo, assim como o efeito de sentido da metáfora em análise. Entendemos que palavras permanentes e eternas são palavras que ardem e que brilham, que chamam a atenção e que marcam, dando suporte ao sentido do dizer que vem depois: o *Eu* como ardente crueza.

Tomando por referência a concepção de Orlandi, de que a metáfora é a presença da historicidade na língua, atestando sua capacidade de historicizar-se (2013, p. 67), somos levados também a pensar na memória discursiva, no pré-construído, em torno desse deslocamento de sentido acerca do livro *Eu*. Destacamos elementos de historicidade em Ivan Cavalcanti Proença e em Ferreira Gullar. A ideia de aspereza, rudeza, que se produz com a expressão ardente crueza tem uma relação interdiscursiva com a nota introdutória de Ivan Cavalcanti Proença ao livro *Antologia Poética de Augusto dos Anjos*, que já referimos nesse artigo. O seguinte recorte mostra a opinião do autor sobre a obra de Augusto dos Anjos:

Trecho 8: [...] incidências que se têm como mais ou menos pacíficas da obra de Augusto [...] alguma **rudeza materialista** convivendo com o lirismo espiritual, a ânsia de comunicação do poeta e de seus monólogos de solitário, a inquietação filosófica permanente, a temática da morte, etc. (CAVALCANTI PROENÇA, 1996, p. 20, grifo nosso).

Cavalcanti Proença utiliza o termo rudeza, que, na nossa leitura, produz o mesmo efeito de sentido de crueza. O *Eu* visto como uma obra áspera, que fala de morte, que expressa as concepções filosóficas e as inquietações de Augusto dos Anjos. Inquietações essas demonstradas nos poemas como desabafo, sem eufemismos, com toda a angústia sentida pelo eu lírico do poeta. De forma semelhante, Ferreira Gullar também caracteriza a obra de Augusto dos Anjos como rude e bruta, relacionada à materialidade. Os recortes seguintes marcam essa historicidade:

Trecho 9: [...] a expressão não aparece como um trabalho objetivo, exterior ao homem, mas quase como uma **segregação orgânica**, e a linguagem se confunde com o aparelho fala [...] uma ruptura radical com uma visão meramente 'literária' da poesia: o abandono, pelo poeta, das alturas olímpicas e das dimensões oníricas, para reencontrar a **realidade banal, bruta**, antipoética, que é a sua matéria (GULLAR, 1978, p. 20, grifo nosso).

Trecho 10: Em Augusto dos Anjos [...] a realidade explode aqui e ali na **linguagem rude** e às vezes incontrolada, mas viva quase sempre (GULLAR, 1978, p. 21, grifo nosso).

Ferreira Gullar mostra que Augusto dos Anjos produz seus poemas a partir de sensações materiais, rompendo com uma ideia de produção poética de sublimação, de sonho. Ele traz o fazer poético à "realidade banal" da vida, à aspereza dos conflitos e angústias que estão presentes no dia-a-dia. Gullar diz que Augusto dos Anjos não olha para as alturas, para os sonhos, assim como Backes diz que o poeta não olha "para as estrelas" (conforme Trecho 6). Com esses recortes, podemos identificar a memória discursiva que emerge das manifestações críticas destacadas. Há um já-dito que se alinha ao dizer de Marcelo Backes.

Considerações finais

Por meio desse estudo, com um olhar para a crítica literária, foi possível observarmos o deslocamento de sentidos, ou seja, a transferência contextual provocada pelas metáforas apresentadas por Manoel Cavalcanti Proença e Marcelo Backes, acerca da obra de Augusto dos Anjos. Também identificamos alguns deslizamentos dessas metáforas e alguns elementos do interdiscurso, que produzem efeitos de sentido ampliados, para além da literalidade dos termos. Com esses deslizamentos e pela memória discursiva, depreendemos que há um incremento no sentido das palavras, afetando o gesto de interpretação.

Com a sistemática de análise de metáforas que apresentamos nesse artigo, associando aos seus efeitos de sentidos também os deslizamentos e a sua historicidade, sugerimos que há possibilidade de produzirmos uma leitura mais ampla, ou seja, uma interpretação dos dois textos críticos, bem como da obra literária, do sujeito autor e do sujeito leitor. Apontamos, entretanto, o caráter de incompletude de nosso exercício de leitura, tendo presente que o processo discursivo não se fecha, que não há leituras e reflexões conclusivas. Sempre pode haver sentidos outros, memórias outras que emergem a partir da leitura de cada diferente sujeito.

Seguindo nossa sistemática de análise, consideramos que o texto de Proença, por meio da metáfora poeta auditivo, gera um efeito de sentido de uma obra marcada pela musicalidade. Trata-se de um texto crítico que apresenta a estrutura de *Eu*, essencialmente, em seus aspectos formais relacionados à sonoridade dos versos. Além disso, a partir dessa discursividade, levando em consideração as manifestações de Proença, também podemos interpretar a própria obra de Augusto dos Anjos como musical, até mesmo sem analisá-la diretamente, apenas atentando para o estudo crítico. Segundo nosso entendimento, a metáfora permite esse tipo de interpretação, gerando um efeito de sentido antecipado no leitor, mesmo sem ainda ter tido contato com a obra.

Complementando nosso gesto de interpretação sobre essa imagem de Proença, identificamos que ela antecipa a análise de versos, rimas, aliterações, sibilacões, entre outros elementos da forma poética que serão apresentados pelo autor ao longo de seu texto. Vemos um sujeito autor, crítico literário, que demonstra conhecer a fundo a estrutura e a construção poética, e que valoriza a forma como elemento importante de um poema. Somando-se a essa leitura, a imagem poeta auditivo nos possibilita um olhar para o sujeito leitor. Podemos sugerir que a metáfora se volta a um público interessado em poesia e nos detalhes da estrutura dos versos de Augusto dos Anjos. Ao recordarmos as condições de produção do texto, produzido para um concurso, consideramos que o texto se direciona a um sujeito leitor técnico e/ou estudioso da arte poética.

Já a metáfora ardente crueza nos permite ler o texto crítico de Backes como uma apresentação à temática da poesia de Augusto dos Anjos, às imagens e sensações, aos efeitos de sentidos que podem ser produzidos com a leitura do livro. Trata-se de um

prefácio que tem por característica principal antecipar ao leitor, basicamente, os temas e a linguagem da obra. O livro de poemas, por sua vez, pode ser compreendido como marcante, excêntrico, revelador de uma aspereza da vida. Podemos pensar que se trata de uma obra que faz refletir sobre a existência e a condição humana.

O gesto de interpretação dessa metáfora aponta para um sujeito autor conhecedor não só do livro *Eu*, mas de Literatura. Esse sujeito possui sensibilidade e criatividade para produzir uma imagem potente ao público leitor, ou seja, uma imagem capaz de expressar uma possível sensação provocada pelos versos – a sensação da ardente crueza. Além disso, com a imagem de Backes, podemos sugerir uma leitura, uma interpretação, a respeito do sujeito leitor. Vemos esse sujeito incentivado a se aproximar da obra a partir do conhecimento prévio, pelo interesse, curiosidade ou, até mesmo, pela surpresa despertados por meio do prefácio.

Depois de desenvolver nossa proposta inicial de leitura das metáforas, interpretando os textos críticos, a obra literária, o sujeito autor e o sujeito leitor, consideramos que nosso material de análise possibilita ainda produzir outros sentidos, ampliando nosso olhar para o texto crítico e para a obra literária. Podemos sugerir que as duas metáforas analisadas nesse artigo apontam também para a interpretação da obra de Augusto dos Anjos sob duas grandes dimensões: som e imagem.

Consideramos que essas duas dimensões poderiam ser entendidas como constitutivas da poesia. Podemos pensar que a obra poética nos permite, de certa forma, ouvir e ver dentro de um universo criado pelo poeta. Essa proposição desenvolveu-se, especialmente, a partir dos enunciados de Manoel Cavalcanti Proença, já referidos no segundo item desse artigo.

Por meio de uma conceituação metaforizada sobre o que entende que seja o processo de elaboração de um poema, Proença aponta para o que poderíamos compreender como uma dessas dimensões do fazer poético. Isto é, ao explicar que o poeta encaixa palavras assim como um artesão coloca vidros coloridos produzindo efeitos de iluminação (PROENÇA, 1982), entendemos que o poeta produz uma pintura, pinta a vida com cores, trabalha o vocabulário para enfeitar a linguagem, trabalha os temas cotidianos para produzir imagens. Essa ideia parece evidenciar a dimensão de imagem

relacionada à poesia. Nessa linha, a metáfora ardente crueza nos remete à expressividade das palavras que compõem os versos, apontando para a dimensão que a poesia tem de tornar-se imagem, pintura, ao leitor.

Por outro lado, pelo mesmo texto de Proença, também podemos identificar a outra dimensão. A própria metáfora poeta auditivo elaborada pelo crítico produz o efeito de sentido de som, chamando a atenção para a sonoridade dos versos. Assim, podemos reconhecer a capacidade da poesia tornar-se música, caracterizando a outra dimensão da poesia que aqui propomos. Nesta perspectiva de análise, as metáforas poeta auditivo e ardente crueza nos permitem ver a obra de Augusto dos Anjos sob essas duas dimensões, como imagem e como som.

Buscando finalizar este artigo, destacando a impossibilidade de finalizar a análise e a possibilidade de realizar-se diferentes leituras, apontamos a importância da metáfora na interpretação, na produção de sentidos no discurso. Essa relevância encontra fundamentação em Pêcheux, que afirma que "o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora", que a metáfora é "constitutiva do sentido" (1997a, p. 263). Depreendemos, com isso, que a transferência de contextos e de sentidos gerada pelas metáforas abre muitos caminhos no fio do discurso para a produção de sentidos.

ABSTRACT: This article discusses how literary criticism interprets texts. Our goal is to identify some metaphors produced in two critical texts about Augusto dos Anjos's book *Eu*, and to understand how these metaphors produce meanings. The analysed texts are by Proença's "O artesanato em Augusto dos Anjos", and Backes's "Prefácio ao livro *Eu*". Metaphor is considered as a deviation of meaning, as a contextual transfer. This understanding led to two ideas: musical (auditory) poet and burning raw - two expressions that speak for others, and show different meanings in Augusto dos Anjos' poetic discourse. Metaphor production conditions, meaning displacements and their historicity were considered. The interpretative alternative centered on metaphor production allows the reading of the critical texts, as well as of how author and reader are involved in this discourse.

Keywords: Literary Criticism. Metaphor. Historicity.

REFERÊNCIAS

BACKES, Marcelo. Prefácio. In: ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. (Série Pequenas Grandes Obras). Não paginado.

Revista *Literatura em Debate*, v. 9, n. 17, p. 213 - 227, dez. 2015. Recebido em: 19/09/2015. Aceito em: 09/12/2015.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. Obra digitalizada pelo grupo Digital Source. Disponível em: <[http://fernandomaues.com/noigandres/textos/ensino/BOSI,%20Alfredo.%20O%20Ser%20e%20o%20tempo%20da%20poesia%20\(pdf\)\(rev\).pdf](http://fernandomaues.com/noigandres/textos/ensino/BOSI,%20Alfredo.%20O%20Ser%20e%20o%20tempo%20da%20poesia%20(pdf)(rev).pdf)>. Acesso em: 05/set./2015.

CAVALCANTI PROENÇA, Ivan. Nota do Autor. In: ANJOS, Augusto dos. *Antologia Poética de Augusto dos Anjos*. Estudos e notas de Ivan Cavalcanti Proença. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. com um estudo crítico de Ferreira Gullar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. com a nova ortografia da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

227

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997a.

_____. Metáfora e Interdiscurso. In: *Análise de Discurso*. Michel Pêcheux. Textos Seleccionados: Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. O artesanato em Augusto dos Anjos. In: PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Estudos literários*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.